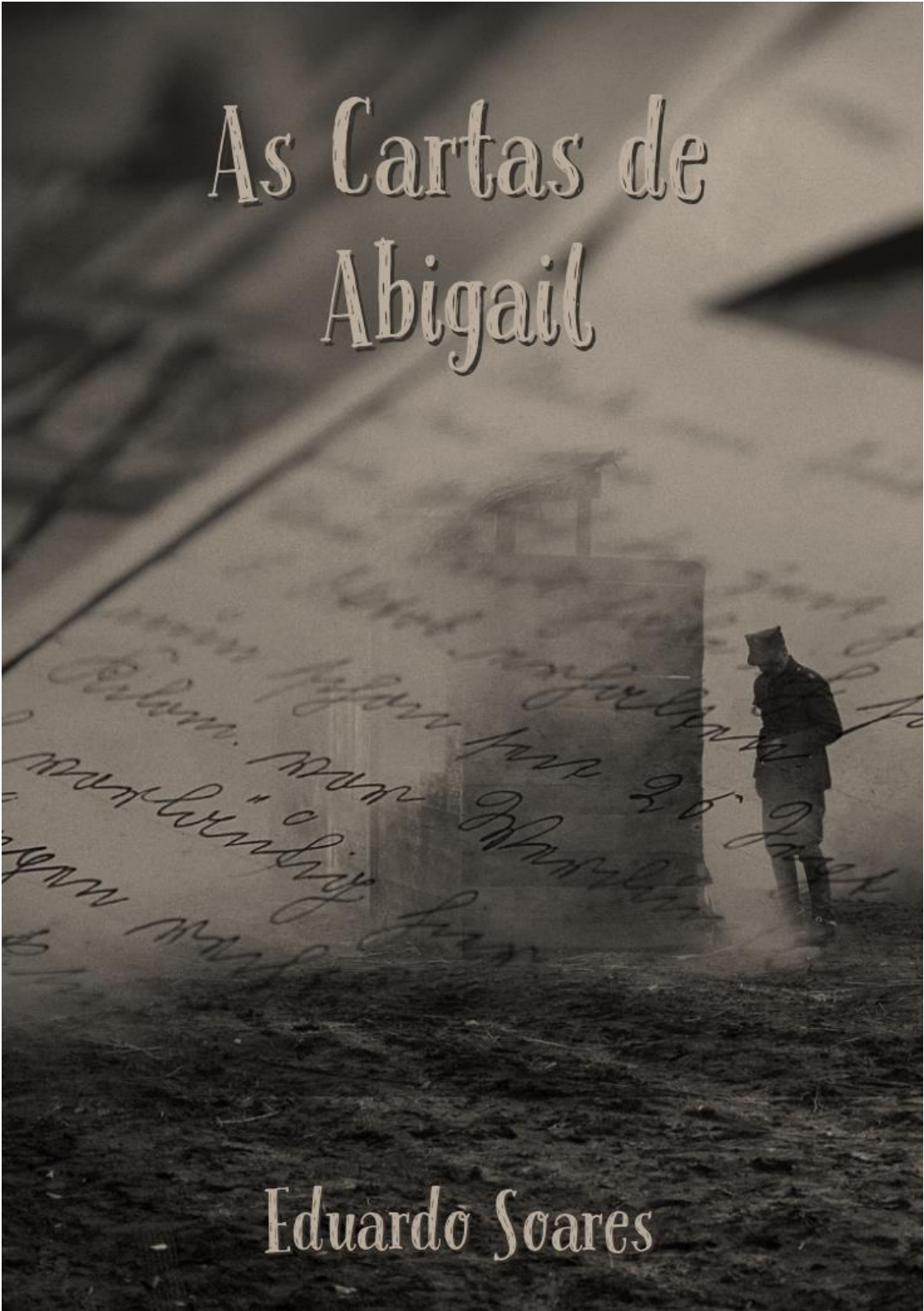
As Cartas de Abigail



Eduardo Soares

As Cartas de Abigail

Eduardo Soares

2023

As Cartas de Abigail

"O tempo não parece passar tão rápido aqui, os dias se arrastam e suponho que voarão quando eu voltar para casa"

Trecho de carta escrita durante a segunda Guerra.

CAPÍTULO UM

Leste da Polônia, 1944

Uma bomba tinha acabado de explodir a alguns metros de onde eles estavam dormindo. Poderiam chover dezenas iguais àquela: O barulho e o pânico causados sempre seriam os mesmos. Não há como se acostumar com o terror. Dennis sentiu toda a estrutura do prédio já em ruínas se abalar ainda mais. Tinham que sair dali imediatamente. Pensavam eles que os alemães não tinham mais tanta força naquela região, mais ao sudeste da Polônia, pois deveriam estar preocupados com a possível invasão no litoral francês. Davis agora passava as noites a imaginar a cara de apreensão de Hitler, tentando adivinhar o local exato do desembarque dos aliados. *Que se foda esse infeliz.*

Outra grande explosão a leste do pelotão acuado. “Esses filhos da puta não deveriam estar mais ao norte? “

Eles mal tinham fechado os olhos para um breve cochilo, em meio aos ratos que passavam por ali, em busca de uma rota mais fácil até o esgoto que corria a céu aberto na rua do outro lado. Deveriam ter se passado alguns poucos minutos até então. Dennis, exausto por conta dos últimos dias, acordou apenas com os berros do chefe da infantaria,

acuado pela poeira e pelos estilhaços do alvo explodido bem ao lado.

---Levantem esses rabos, depressa, se não quiserem morrer soterrados nesse lugar. ---Berrava a plenos pulmões.

Dennis tapou os olhos para se proteger da nuvem de pó e fumaça e se levantou imediatamente, sem precisar dar ouvidos ao capitão. Era muito difícil enxergar um palmo à frente do nariz com tanta coisa no ar. Respirar era outra árdua missão e, para piorar toda a situação, o clima gelado da região também não facilitava em nada a vida daqueles miseráveis.

---Por aqui, Miquéias. --- Gritava um soldado para o médico do grupo, que parecia não acreditar que ainda estava vivo, em meio àquele inferno. Ele tremia mais pelo horror do que pelo frio que fazia naquele instante. A explosão havia jogado corpos já mortos para o ar, espalhando seus pedaços por todas as partes. Por um breve momento ele parou, olhando para o céu, como se buscasse a mão de Deus para socorrê-lo dali naquele exato momento. Foi então puxado pelas mangas do fardamento pelo colega mais altivo.

Dennis os seguia logo atrás.

Reunidos mais adiante, um outro grupo de soldados aliados, soviéticos e britânicos em sua maioria, também

fugia neste instante. Eles convergiam para a saída da cidadela, indo na direção dos bosques a oeste daquele lugar, enquanto aviões inimigos rasgavam o céu nublado e feio, tão insistente naqueles dias.

Nesse percurso, outro bombardeio. E outro logo em seguida. Dennis foi forçado a virar num beco estreito para se proteger e não fazia ideia de quantos companheiros foram atingidos nesse último ataque. Se viu então sozinho e acuado. O lugar, que deveria ser bastante charmoso antes da destruição da guerra, era ladeado por muros baixos, com pedras em granito, forrados por gramíneas e musgos resistentes ao frio, com o chão de pedras irregulares, também de granito. As casinhas ao redor eram singelas, com seus formatos triangulares e tetos com telhas em canal e feno. Pensou onde estariam as pessoas que moravam ali, provavelmente, felizes e pacíficas antes daquilo tudo.

Parou sob uma pilastra de uma casa ainda de pé, apesar de tão seriamente atingida e respirou fundo.

Olhou para a sua retaguarda e não avistou mais ninguém. Deixou a pilastra e agora estava recostado ao muro gelado, com o rosto vermelho pelo frio e pela tensão. Segurava agora sua Lee-Enfield, armamento britânico, assim como o seu antigo dono, Jonas Bridge, um jovem cheio de sonhos, oriundo de Liverpool, que acabou morto ao pisar numa mina terrestre na semana anterior. Dennis achou

por bem cuidar da arma do camarada que havia conhecido dias antes daquela tragédia. Ele agora alternava a mira para os lados e para o alto do muro, apreensivo pela iminência de outro ataque. Gritou pelo capitão e pelos colegas, mas parecia que todos já haviam deixado o vilarejo. Fechou os olhos por alguns milésimos de segundo e ouviu então o barulho de um tonel sendo derrubado numa viela ao lado. Virou-se rapidamente e conseguiu acertar uma bala bem no meio da testa do inimigo que se preparava para atacá-lo com uma faca na mão.

---Seu lixo!! ---Cuspiu no chão ao ver o alemão caído aos seus pés.

Depois disso continuou em frente sem mais problemas. Tornara-se frio em relação aos adversários. Foi necessário. Tinha se acostumado a matar já nos primeiros meses de guerra e já não mais sentia culpa ou remorso ao ver um corpo sem vida à sua frente. Até poderia dizer que sentia prazer em ver aqueles nazistas desgraçados se desbuchando na lama.

Seguiu por entre as ruas finais da cidadela, cheias de lama e de pedaços humanos, dos quais não se podiam distinguir os colegas dos inimigos. Tudo ali parecia uma gigante poça de suco negro, composto de vísceras e sangue. Os aviões alemães deram uma trégua e parecia não haver muitos mais nazistas naquele lugar. Depois de

pouco tempo, conseguiu, enfim, deixar a cidadela para adentrar o bosque gelado.

Chamou outra vez por alguns colegas, mas eles pareciam ter sumido de vez por entre as coníferas.

Pegou o cantil. Tinha sede. Mas não havia muita água no seu compartimento e sua ração estava no fim. Xingou um bocado por aquela situação. Estava, aliás, acostumando-se a isso também. A guerra lhe havia ensinado muitas outras coisas que deixariam seus familiares horrorizados. Não aprendera, contudo, a desistir de voltar para casa, como muitos amigos haviam feito durante a dura jornada. Era por isso que lutava para manter o medo afastado de sua vista. Não queria temer nada naquele lugar, pois, segundo ele próprio, o temor era o pai de todas aquelas mortes no campo de batalha. *Se você hesita, você morre*. E não passava por sua mente morrer naquele lugar desgraçado. Queria voltar para os braços de sua Abigail e sentir novamente o seu perfume e o seu sabor. Era isso que o tornava uma rocha, era isso que o mantinha vivo. Lembrou-se da noite de amor que tivera com ela naquele parque, em meio ao frio daquela madrugada tão especial. À medida que ia caminhando, recordava-se de sua pele macia e cheirosa, de seus lábios carnudos e de seus seios duros e rosados. Uma única vez estivera com a donzela, mas já havia sido o suficiente para ele ter a certeza de que era com ela que passaria o resto de sua vida. Já havia programado todos os

passos que dariam depois da guerra. Por isso não deixava se abater por nada. Sentia que, se vacilasse por qualquer motivo que fosse, poderia ser morto facilmente por um maldito nazista, e perderia a chance de beijar novamente a boca mais macia que já havia beijado nesses seus tão curtos vinte e dois anos de vida. Estava disposto a voltar para o seu bairro como um grande herói da nação e, com isso, obter o respeito do avô de Abigail. Queria provar para aquele velho e arrogante carcamano que ele era, sim, digno de ter a sua neta como esposa. Tocou no peito, onde se encontrava, guardada e dobrada, a última carta recebida pela amada e suspirou.

Está acabando, meu amor. Está acabando.

O imenso bosque parecia não ter fim. Seguiu concentrado, à procura dos colegas, mesmo com toda a dificuldade de andar sobre aquele terreno enlameado e frio. Os pés molhados sob a bota congelada e cheia de lama era algo tão agoniante quanto uma bala no peito. Depois de algum tempo, ouviu o barulho dos aviões inimigos se aproximando novamente. Não sabia o que realmente estava se passando por ali, já que tanto lhes disseram que seria uma passagem sem demais problemas por aquela região. Pensou então naquilo que o sargento John Smith havia dito na semana anterior, quando eles jantavam no acampamento montado na saída de Lublin: Que muitos agentes duplos estariam repassando importantes

informações estratégicas para o lado oposto. Aquilo o assustava profundamente. Pensou, com ironia, na possibilidade de o próprio Smith ser algum agente disfarçado, afinal ele era um sujeito esguio, muito inteligente e de olhar sempre desconfiado.

Que merda é essa, que estou pensando? Sorriu de si mesmo, refutando aqueles pensamentos bobos logo em seguida.

Os espiões dificilmente pisavam no campo de batalha, dissera-lhe o capitão Ruffort, dia desses. Além do que, apesar do jeito estranho, Smith era o homem mais patriota que ele já havia conhecido na vida.

Após um breve acelerar na caminhada, começou a ouvir vozes no campo mais adiante. Finalmente os tinha encontrado. O pelotão agora se escondia entre as árvores e o terreno acidentado do lugar, esperando os aviões alemães desaparecerem dali. Estavam espalhados em pequenos grupos, procurando uma melhor forma de não serem avistados pelos pilotos acima deles.

---Duncan? Dennis Duncan?

Dennis virou-se assustado, com o toque de uma mão desnuda em seu ombro.

--- Seu bastardo, filho de uma mãe. É você mesmo?

Dennis então cerrou os olhos e reconheceu aquelas sobrancelhas grossas, que mais pareciam duas taturanas

sobre os olhos castanhos e vivos do amigo italiano que morava a duas quadras de sua casa, no bairro do Bronx, em Nova Iorque.

--- Joseph?

--- O próprio, seu cretino. --- Ele sorriu, tirando o quepe, para depois abraçar o amigo de adolescência, que manteve por um tempo a expressão de incredulidade no rosto.

--- Mas que mundo é esse? Foi preciso vir ao inferno para encontrar você?

--- Pois é!! Mas a culpa é sua que se afastou de mim, só porque comi a sua irmã naquele fim de férias. Se lembra? ---Gargalhou o italiano.

Duncan balançou a cabeça, empurrando o peito do amigo com as duas mãos.

---Vejo que continua o mesmo filho da puta de sempre, com essas brincadeiras sem graça.

--- Sua irmã me achava divertido.

Dennis sorriu e abraçou novamente o amigo.

--- Não sabia que havia sido convocado. --- Disse Duncan.

--- Por quê? Pensou que só vocês poderiam se divertir nessa história?

Duncan mudou a expressão, franzindo a testa.

--- Sério, mesmo? Olha ao redor. Você acha isso divertido? Logo você, que está lutando contra os seus?

Joseph pareceu não se incomodar com a postura do companheiro.

--- Eu apenas nasci naquele lugar, meu caro. E, além do que, aqueles miseráveis mataram boa parte de minha família na Toscana. Destruíram a casa dos meus avós e dos meus tios em Verona. O país está em ruínas. Muita gente morreu. O regime não quer saber se eu sou italiano ou não. Então porque eu me negaria a lutar contra eles também? Entende?

Dennis então balançou a cabeça em silêncio, concordando com a resposta do amigo.

Logo depois eles voltaram a se abaixar sobre o tronco caído de uma árvore, ao sentirem a aproximação de outro avião nazista.

Havia cerca de cento e cinquenta soldados de dois destacamentos de averiguação no bosque naquele momento. Precisavam voltar para o acampamento em Lublin e informar que os alemães ainda estavam firmes naquela rota que dava para a cidade de Radom.

Esperaram naquele lugar, imóveis, por cerca de uma hora até que tivessem a certeza de que não haviam sido vistos pelos caças alemães. Estavam sem comunicação com

Lublin e não poderiam perder tanto tempo ali, pois outro grupo poderia estar a caminho para serem emboscados. Precisavam informá-los imediatamente sobre o ataque sofrido. Que aquela rota não era segura. Não poderiam, contudo, retornar pela cidadela, pois, com certeza, seriam encurralados novamente pelos inimigos entocados naquele lugar.

Teriam quer contornar a serra em pequenos grupos. Era arriscado e levariam o triplo do tempo que gastaram para chegar até ali. Mas era o que dava para fazer no momento. Não poderiam seguir adiante sabendo que tropas alemães estavam tão bem guarnecidas por aquele caminho, e também não podiam recuar agora, pois derrubar Radom era essencial para a reconquista de Varsóvia.

Capitão Ruffort, grande conhecedor da região, tomou à frente de toda a logística, e eles logo se lançaram no caminho de volta para o acampamento em Lublin.

O frio era implacável, e muitos homens começavam a achar que Stalingrado tinha sido fichinha diante daquilo. Um soldado soviético que fazia parte do destacamento achava graça daquelas tolices, enquanto rememorava a cena de milhares de amigos mortos sobre solo russo. *Nada se compara àquilo*, resmungava, baixinho, para si mesmo, tomando um cigarro que achava ter perdido na caminhada, mas que estava no bolso de trás da calça. As baforadas pareciam aliviar o frio do corpo, dando-lhe um

pouco de prazer. A fumaça, entretanto, não se mantinha muito tempo no ar e desenhava corpos mutilados à frente dos olhos do soldado que só desejava voltar para as pernas quentes e carnudas de sua fogosa esposa. Suspirou, coçando o queixo quadrado, pinicando por causa da barba proeminente.

À frente dele, vários colegas. Todos exaustos e pensativos. Todos com alguma história assombrosa para levar para casa. São rostos desfigurados pelo terror; sujos pelo sangue alheio, respingado e seco pelo tempo.

O plano da Normandia tinha que lograr êxito, de um jeito ou de outro.

Mas eles estavam sem comunicação com o Reino Unido há uma semana, e parecia que a farsa em Calais não havia atrapalhado tanto assim o exército alemão.

Tudo dependia do sucesso dessa invasão, e Hitler tinha a exata noção de que os aliados planejavam algo grandioso e não poderia aceitar outra indesejável surpresa.

Sim, os nazistas estavam cada vez mais acuados depois da derrota em Stalingrado, contudo era ingenuidade achar que eles estavam completamente vencidos, ou que, de alguma forma, abandonariam o front de batalha.

Dennis e o amigo italiano tinham o mesmo pensamento e o mesmo semblante cansado do colega soviético.

Haviam andado cerca de meio dia e nem perceberam a noite chegar. Alguns homens preferiam continuar em frente, mas a maioria optou por acender uma fogueira para passar a noite sobre as ruínas de um antigo vilarejo medieval que encontraram no meio do caminho.

Ruffort não quis impedi-los. Sabia do esforço que aqueles homens fizeram para libertar Lublin. Muitos deles estavam naquela peleja desde o norte da África. Outros experimentaram os horrores de Stalingrado. Decidiu então continuar em frente com aqueles que optaram por não descansar e deixou Smith como encarregado pelos que ficaram, entre esses, Duncan e Joseph.

Era para ser apenas um breve descanso, coisa de duas ou três horas, no máximo. Tempo suficiente para um cochilo, como haviam pretendido fazer na cidadela bombardeada horas atrás. Seus pés estavam úmidos e congelados, e seus corpos fatigados e doloridos. A fome era o menor dos problemas nesse momento. Mesmo assim, alguém havia conseguido arrecadar algumas latas de feijão que alguns homens carregavam consigo, e houve uma partilha do alimento entre aqueles que ainda não haviam desfalecido pelo cansaço.

Dennis segurava a foto de sua Abigail, tentando enxergar nela algum novo detalhe sob a luz da chama de uma das fogueiras acesas. Neste instante, tenta recordar o seu cheiro, acariciando a imagem de sua amada com o

polegar. É um dos mais ansiosos por voltar a Lublin. Deseja ardentemente ter notícias de Julius e de seus familiares. Quer, se possível, tomar um banho e descansar por um dia inteiro.

Recolhe-se então.

Beija a foto de sua garota, guardando-a dentro do peito, depois procura uma posição mais confortável para o repouso perto das labaredas.

Joseph, o italiano, está ao lado, tirando algum resto de comida entres os dentes com a ponta afiada de sua faca. Tinha ficado menos falante depois da refeição e agora procurava um lugar aquecido para dormir sobre uma tora de madeira com algumas poucas folhagens que encontrara minutos atrás. Outros homens haviam adormecido sobre pedaços de pano e sacos velhos que recolheram pelo caminho até ali. O cansaço agora superava o frio e nenhum deles parecia se incomodar com o ronco alto de alguns colegas.

Smith fazia a ronda mais adiante, conversando com Miquéias, que agora parecia menos atordoado, repetindo a velha história de como havia se formado com méritos numa das melhores universidades britânicas. Smith não era muito sociável, porém gostava da companhia do médico magrelo de nariz afilado e orelhas de abano. Achava-o engraçado e não fazia ideia de como aquela

figura peculiar ainda estava viva depois de tantas desventuras naquela guerra.

---Meu pai dizia que eu nasci predestinado. Minha mãe era muito velha para ter uma criança, e poderíamos, ambos, morrer no parto devido à sua idade. Meu pai prometeu dar-me um nome bíblico, caso nada de ruim nos acontecesse no procedimento. E cá estou.

--- Pensei que fosse judeu, com esse nome. ---Indagou Smith, bebendo de seu cantil.

--- Essa é uma confusão corriqueira.

---Mas por que Miquéias, então?

--- Foi o primeiro nome que meu pai achou ao abrir a Bíblia.

---É, poderia ser pior. --- Brincou Smith, depois se virou abruptamente para a saída das ruínas, ao pressentir algo.

O Médico retesou a face, olhando para a mesma direção do compatriota.

--- Você ouviu?

Miquéias balançou a cabeça, confirmando.

Então o céu negro e enevoado começou a ser salpicado por pontos brancos de balas que vinham de todas as partes. Smith, habilidosamente, se jogou por detrás de uma mureta ao lado, que não deveria ter mais que cinquenta

centímetros de altura. Miquéias, contudo, não teve como se proteger e teve uma bala encravada bem no meio da testa.

--- Seus filhos da puta!! --- Gritava Smith revidando contra a investida inimiga.

Os soldados que estavam descansando foram pegos de surpresa e logo se puseram em posição de ataque. Joseph quase queimou o coturno, ao sobressaltar-se com o susto, pisando num pedaço de brasa que havia saltado para adiante da fogueira.

--- Alemães desgraçados. --- Berrou ele. ---Por que esses desgraçados não dormem um pouco?

Dennis Duncan havia corrido com dois homens para se proteger dos tiros numa mureta mais adiante. Não conseguiam ver o inimigo que dominava as ações por conhecer melhor o lugar.

Ele gritava, emanando ordens, tentando alocar da melhor maneira os seus companheiros.

--- Onde está o Smith?

--- Lutando mais à frente, com os dois franceses e o médico.

--- Joseph, você está aí? --- Berrou, mas o amigo não lhe respondeu.

Uma explosão se deu a duzentos metros dali, e eles começaram a correr para o sul. Dennis ainda olhou ao redor mais uma vez, mas não enxergou o amigo italiano no meio daquela confusão. Então houve outra explosão, essa muito mais próxima e devastadora, e, com ela, veio um zunindo agudo e intenso, assim como uma escuridão profunda.

Dennis quis gritar, mas a sua voz não saía. Teve então seu corpo jogado ferozmente para longe, e depois sentiu uma pancada violenta na cabeça, no momento de sua aterrissagem. O zunido e a escuridão se tornaram mais intensos, e ele não sabia dizer se estava vivo ou não. Pensou apenas em sua amada Abigail. Instintivamente, procurou a carta em seu peito e pensou que não podia morrer ali, não agora.

Tinha que saber de Julius e rever sua garota.

Contudo, foi desfalecendo-se aos poucos, sentindo que de seus olhos escorria algo viscoso, que seguia depois pelo seu rosto, chegando à boca.

CAPÍTULO DOIS

DOIS ANOS ANTES

Bronx, Nova Iorque

É preciso ter mãos firmes e carinhosas para que a massa se renda ao seu toque. Daí você a domina, acaricia o seu miolo, bem no seu meio, e a deixa no ponto certo. Não há segredo quanto a isso. Está vendo? Não precisa de força, tudo é jeito. Se quiser, pode até conversar com ela.

Julius olhava para o amigo e via que ele se segurava para não sorrir com os ensinamentos do velho Lorenzo, tão apaixonado pela arte por detrás da preparação dos pães que produzia há mais de vinte anos naquela esquina movimentada do Bronx. A padaria italiana, aliás, era uma das mais famosas daquele pedacinho da cidade, e o seu dono, em muito, se orgulhava disso. Seus dois novos ajudantes, contudo, pareciam achar um exagero todo aquele trato com o amontoado de farinha de trigo, manteiga e ovos em cima do balcão.

Dennis Duncan imitava o velho pelas costas, sacudindo as mãos no ar e fazendo caretas para desespero de Julius que não aguentava mais prender o riso frouxo.

--- Seu pai sabe que estou perdendo meu tempo com você, Duncan? ---Indagou o velhote, batendo na cabeça do rapaz com uma colher de pau que estava ali próximo.

---Ai! Seu Lorenzo! Isso doeu.

Julius sorriu do amigo, recebendo também um golpe na testa.

--- Agora, cuidem e façam o trabalho direito. Preciso de duas fornalhas para uma entrega na rua cinco.

--- Tudo bem. ---Falaram os dois ao mesmo tempo, enquanto o italiano se dirigia ao balcão de atendimento, onde algumas pessoas formavam fila para tomar o café da manhã, atentos às primeiras informações do dia através do rádio de pilha que ficava erguido numa parede lateral.

A voz rouca do radialista informava a situação do mundo diante da guerra. Ouvidos aguçados e rostos incrédulos quanto ao que era noticiado naquele instante.

---Dizem que há um lugar de acolhimento para onde estão levando muitos judeus na Polônia. --- Falou um homem de barba grossa, enquanto devorava um pedaço de pão doce com café, sentado numa mesa pequena logo na entrada do estabelecimento.

--- Mas por que estão levando os judeus para lá? --- Perguntou um jovem rapaz, trajando um macacão azul de

alças largas sobre o ombro. Ele estava em pé, encostado numa pilastra mais lateral. ---O que eles fizeram?

--- Os alemães não gostam de judeus. Só por causa disso, filho. --- Interveio um terceiro.

--- Eu também não gosto de Judeus, e nem por isso eu os levaria para uma prisão. ---Falou outro homem, tomando seu café no balcão.

--- Mas quem disse que era uma prisão? ---Indagou o primeiro homem.

--- Não é uma prisão. É um campo de extermínio. Eles estão matando toda aquela gente. --- Um homem com forte sotaque russo surgia no meio da conversa. Ele se dirigia até o balcão para pagar o que devia ao velho Lorenzo. --- Eles matam judeus porque eles mataram Jesus e também porque os alemães os consideram uma praga que corrói toda a estrutura de seu país. Bando de chucrute idiota. --- Pagou o que devia, voltou-se à saída da padaria e escarrou no chão. Depois disso, virou à esquerda, sumindo da vista de todos.

---Mas... O que *Jesus* tem a ver com essa guerra? --- Questionou o jovem de macacão azul.

Dennis e Julius escutavam e observavam tudo, com olhos curiosos, bisbilhotando a movimentação da clientela, que sempre era maior nessa hora da manhã por conta do

noticiário sobre o conflito, que parecia longe de ser encerrado.

Apesar das distrações, a fornalha ficou pronta a tempo de seu Lorenzo cumprir com os prazos. O velho tinha visto aqueles dois crescerem e tinha grande estima pelos seus pais. Gostava do espírito jovem deles e de suas piadas maliciosas quanto às garotas do bairro, que, vez ou outra, apareciam no lugar. Tudo aquilo fazia com que Lorenzo esquecesse um pouco os horrores da guerra. Ele, próprio, que tinha presenciado de perto os horrores da morte, pelas trincheiras encravadas no solo europeu, poucos anos atrás.

Deus tenha misericórdia de nós por tudo isso acontecendo novamente, ele sempre suplicava isso antes de dormir ao lado de sua querida Nona. Sua casa ficava bem em cima da padaria e, dali, tinha uma excelente vista de boa parte do bairro. Era apenas mais um dos refugiados da primeira grande Guerra que habitavam aquele lugar. Chegara a Nova Iorque há duas décadas, com dois irmãos, a esposa e duas filhas. Orgulhava-se bastante da prosperidade advinda de seu negócio e se sentia em casa pelo modo como foi acolhido naquele país. Talvez por isso estivesse tão tímido e calado ultimamente. Está com vergonha pelo lado tomado pelo seu país de origem nesse novo conflito. Sente até que já havia perdido alguns clientes, que agora se recusavam a frequentar o mesmo lugar de um inimigo

declarado. Sua esposa dizia que isso era coisa de sua cabeça, mas ela própria já tinha visto algumas pessoas conhecidas lhe virando a cara ao vê-la no supermercado. Outras começavam a desviar o caminho ao vê-la passeando pela calçada. Preferiu, contudo, manter aquilo para si, uma vez que já sentia toda a preocupação no semblante de seu companheiro.

As coisas não estavam fáceis.

Descendentes de japoneses também sofriam com o preconceito e o ódio que se estabeleceram depois do início do conflito.

Seu Lorenzo temia pelo futuro de sua família. Era por isso que gostava tanto da vivacidade daqueles dois moleques que nunca se desgrudavam, eles o ajudavam a esquecer a dura realidade.

Dennis e Julius cresceram na mesma rua e sempre foram grandes amigos. Inseparáveis, na verdade. Julius era um ano mais novo, porém, era o mais responsável dos dois. Sempre muito gentil e atencioso com as coisas. Um pouco tímido em algumas ocasiões e sempre muito concentrado. Tinha o sonho de cursar direito numa grande faculdade do país. Era, com certeza, o lado racional daquela relação. Já Duncan era o oposto: sempre muito impulsivo e extrovertido. Não ligava muito para o futuro como o amigo, e seus planos eram sempre pensados para o curto

prazo. Gostava de viver o que o presente tinha para lhe oferecer e não curtia muito ter tudo planejado para o amanhã. Ao contrário de Julius, não pensava num curso específico para garantir sua vida. Gostava mesmo era de jogar basquete, coisa para qual tinha um talento nato. Uma lesão no joelho, porém, acabou adiando seu sonho de ingressar na liga universitária daquele ano.

Julius também não havia conseguido a tão desejada bolsa para ingressar na faculdade de seus sonhos, e, com isso, os dois passaram o último ano arranjando bicos para levantar alguma grana, enquanto discutiam o que dava para fazer dali em diante.

As dificuldades enfrentadas pelos dois garotos eram grandes, mas havia algo a mais entre eles que os mantinham de pé: a fé inabalável que ambos tinham por dias melhores. Haviam herdado isso dos pais, que faziam de tudo um pouco para que os dois se mantivessem afastados das gangues que se multiplicavam pela cidade.

No dia seguinte, a rotina de sempre, e às seis da manhã eles já estavam enfurnados na padaria de seu Lorenzo, que havia saído para fazer algumas entregas. Julius amassava a massa de trigo sobre o balcão e percebia o amigo calado por demais, com um panfleto azul nas mãos. Ele tinha a certeza de que já tinha visto um daqueles com alguns garotos na quadra de basquete na noite anterior.

---O que é isso daí?

Duncan ergueu a vista e lhe mostrou o panfleto.

Julius descansou a massa, limpou as mãos no seu avental e se aproximou do amigo. Tomou o papel e fez uma careta.

---Alistamento militar? Sério? --- Indagou fazendo-lhe uma careta.

---Sim. Eles começarão a convocar todo homem em idade militar para combater na Europa.

Julius suspirou com as mãos na cintura.

--- Um primo meu do Harlem foi chamado há dois dias, e meus tios estão para morrer com a notícia. Os rapazes da minha rua não falam em outra coisa também.

Julius continuava imóvel e calado, analisando as informações naquele pedaço de papel.

--- Eu não quero ir para aquele lugar. Você sabe o que eles falam todos os dias na rádio, não sabe?

--- Se acalme. Alguém no congresso deve barrar essa coisa. Não somos obrigados a nada nesse mundo. Nós estamos na América, não estamos?

Duncan sorriu de nervoso.

--- Julius, sua inocência às vezes me dá agonia. Você acha mesmo que político algum está se importando com quem

vai para a guerra? Acorda, irmão! --- Ergueu-se e tomou de volta o panfleto das mãos do amigo.

Julius sentou-se.

--- Então a coisa é mais grave do que pensávamos.

--- Parece que sim. --- Respondeu Duncan, procurando seu avental por detrás da porta. --- Por causa dos japoneses nós entramos nessa merda.

--- E o que acontece se não nos alistarmos?

--- Além de sermos punidos pelo Governo e julgados de covardes? Eu não sei. E nem quero pensar nisso agora. Melhor continuarmos com o nosso trabalho por aqui, antes que seu Lorenzo chegue com toda sua irritação.

Duncan terminou de se paramentar, deixando o panfleto sobre a mesa, enquanto Julius tentava voltar ao seu estado normal.

--- Eu nunca peguei numa arma em minha vida.

Duncan virou-se, arqueando a sobrancelha.

--- É... Estou vendo que você ficou mais abalado do que eu. Não deveria ter contado sobre isso, não é mesmo?

--- Como se eu não fosse saber um dia.

--- Olha só, eu não quero ir para essa merda também. Mas se é algo inevitável, eu prefiro não perder meu juízo antes

do tempo. E, pensando bem, pode ser uma ótima chance para nós dois.

--- Cara. Você pirou? Nós estamos falando de uma Guerra.

--- Eu sei disso. Mas se a gente sobreviver, nós teremos um grande futuro pela frente. Com um bom salário pelo resto da vida. Eu procurei saber sobre essas coisas.

--- "Se a gente sobreviver? " ---Julius balançou a cabeça.

--- Sim, ué!!

Julius bufou.

Dennis abriu os braços.

--- O quê?

--- Não faz dois minutos que você estava tenso com essa droga de papel, mas mãos, dizendo que não queria ir para a guerra. O que tem de errado com você?

--- Eu ainda continuo nervoso, nada mudou. A ideia de ser convocado me deixa com dor de barriga, mas só estou pensando que não adianta eu ficar choramingando pelos cantos. Temos que ver todas as possibilidades que nos sãos apresentadas. Só isso.

--- Não sou como você.

--- E nem precisa ser, meu amigo. Só estou tentando te ajudar, afinal você ficou mais apreensivo do que eu.

--- Apreensivo com o quê? --- Indagou o velho Lorenzo, adentrando o lugar, acompanhado de uma linda garota que deveria ter a mesma faixa de idade dos dois rapazes.

Duncan paralisou onde estava, percebendo que nunca tinha visto garota mais bela do que aquela em toda a sua vida. Ele está completamente sem ação diante de sua presença. Seus olhos estão vidrados na moça de pele alva como a neve e cabelos lisos, pretíssimos e longos, com bochechas rosadas e olhos cor de mel. Ela usa uma boina marrom e um cachecol azul, da mesma cor da saia longa que chegava até as elegantes bota de cano alto que lhe protegiam do frio.

O velho insiste:

--- Do que vocês estão falando?

--- Nada, não, seu Lorenzo. Bobagem. --- Responde Julius.

O velho então direciona o olhar para Duncan que parece ter voltado a si, depois volta o olhar para o panfleto do exército sobre a mesa.

Julius pigarreia e volta a mexer na massa de trigo sobre o balcão.

--- Vocês estão de brincadeira, não é mesmo?

Duncan faz uma careta, arrancando o panfleto das mãos do patrão para guardá-lo no bolso da calça logo em seguida.

---Não, não estamos de brincadeira, seu Lorenzo. O governo começou uma grande campanha de convocação e possivelmente seremos chamados.

O semblante do italiano se enuvia e ele sente suas pernas fraquejarem, com as lembranças tristes das coisas que presenciou na última guerra.

---Meu Deus, isso não pode estar acontecendo. ---Falou ele, sendo amparado pela garota ao seu lado.

Os rapazes se aproximam para auxiliá-lo, mas ele dispensa a ajuda e diz que está bem. A menina então faz com que ele se sente e sai em busca de um copo com água, retornando logo em seguida.

Ele bebe a água e logo se põe de pé.

--- Obrigado minha filha. ---Lorenzo esboçou um ligeiro sorriso, depois se virou para os garotos. ---Bom. Essa é Abigail, neta do meu irmão. Ela chegou hoje pela manhã. Vai morar no outro quarteirão, perto daquela quadra onde vocês costumam jogar bola. Irei ajudá-los com a mudança e por isso não ficarei por aqui hoje. --- Os meninos assentem. --- A nona já, já desce para auxiliar no balcão.

Peço que a ajudem a descer a grade na hora de fechar. Pode ser?

--- Claro que sim, seu Lorenzo. --- Respondeu Julius.

Abigail olhou discretamente para Duncan. Depois acenou de forma tímida para os dois e saiu, acompanhando o tio-avô.

***